

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**CARLA CAMPOS SOUZA**  
**GABRIELA LAURENTINO DA SILVA**

**A VIOLÊNCIA SEXUAL NO PERÍODO ADOLESCENTE**  
**À LUZ DA PSICANÁLISE**

**São Paulo**  
**2021**

**CARLA CAMPOS SOUZA**  
**GABRIELA LAURENTINO DA SILVA**

**A VIOLÊNCIA SEXUAL NO PERÍODO ADOLESCENTE  
À LUZ DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro –  
UNISA, como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel em Psicologia.  
Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

**São Paulo**  
**2021**

Souza, Carla Campos

A Violência Sexual no Período Adolescente à Luz da Psicanálise / Carla Campos Souza e Gabriela Laurentino da Silva. – São Paulo, 2021.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Universidade Santo Amaro – Unisa, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva.

1. Psicanálise 2. Identidade 3. Adolescência 4. Violência Sexual  
5. Trauma.

**Ficha catalográfica gerada automaticamente pelo Sistema de Bibliotecas da  
Universidade de Santo Amaro – UNISA**

**CARLA CAMPOS SOUZA**  
**GABRIELA LAURENTINO DA SILVA**

## **A VIOLÊNCIA SEXUAL NO PERÍODO DA ADOLESCENCIA À LUZ DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da  
Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título  
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo, 10 de Novembro de 2021.

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

---

Prof.

---

Prof.

Conceito Fnal

---

## **Agradecimentos**

Ao nosso Professor Doutor Gerson Heidrich, pela orientação, apoio e confiança. Aos meus pais, irmã e namorado, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço aos amigos e colegas que fizeram parte desta jornada e também a todos os professores por nos proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a nós, não somente por terem ensinado, mas por terem nos feito aprender e compreender o valor da vida. A palavra mestre, sempre fará jus aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os nossos eternos agradecimentos. E principalmente a mim Gabriela e minha amiga e parceira Carla Campos pela elaboração deste trabalho tão importante em nossa formação.

## **RESUMO**

A violência sexual é praticada desde a antiguidade, mas atualmente é considerada como um problema de saúde pública devido ser acometida distintivamente do contexto cultural, social e econômico, sendo capaz de causar danos irreversíveis na vida da vítima. A violência sexual é praticada geralmente através de contatos físicos, assédios verbais, exibicionismo, voyeurismo e também situações de pornografia envolvendo algum órgão sexual, seja da vítima ou do agressor. Identificou-se que a adolescência é um período de inúmeras instabilidades, inseguranças e vulnerabilidades que estão diretamente relacionadas no segmento da construção da identidade do indivíduo. Para a psicanálise, a adolescência é um dos períodos mais atípicos na vida do sujeito, principalmente quando vivenciada a violência sexual no contexto intra e/ou extrafamiliar. Pois, essa violência pode influenciar no processo de maturação do aparelho psíquico, de modo a afetar a vida das vítimas, acarretando futuramente possíveis traumas e afetamento à saúde do adolescente, consequências encontradas no discurso dos autores estudados.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Identidade; Adolescência; Violência Sexual; Trauma.

## **ABSTRACT**

According to authors, sexual violence has been practiced since antiquity but is currently considered a public health problem because it is affected distinctly from the cultural, social and economic context and is capable of causing irreversible damage to the victim's life. Sexual violence is generally practiced through physical contact, verbal harassment, exhibitionism, voyeurism and also pornography situations in which both of these acts involve some sexual organ, either the victim or the aggressor. It was identified that adolescence is a period of numerous instabilities, insecurities and vulnerabilities that are totally related to the construction of the individual's identity; a development that psychoanalysis believes to be one of the most atypical periods in the subject's life and even when sexual violence is experienced in the intra and/or extra-family context, such aggression can influence the maturation process of the psychic apparatus, in order to affect the lives of victims, leading to possible trauma in the future. Therefore, this study aims to identify the consequences of sexual violence and at what points it affects adolescent health.

**Keywords:** Psychoanalysis; Identity; Adolescence; Sexual Violence; Trauma.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                      | 9  |
| 2. OBJETIVO .....  | 11 |
| 3. CONTEXTO TEÓRICO .....                                | 12 |
| 3.1 Puberdade e Adolescência .....                       | 12 |
| 3.2 Personalidade e Psicanálise .....                    | 13 |
| 3.3 Identidade no contexto das relações familiares ..... | 18 |
| 3.4 Especificando a Violência .....                      | 21 |
| 3.5 Enfoque na Violência Sexual .....                    | 21 |
| 3.6 Violência Sexual em Relações Intrafamiliares .....   | 23 |
| 3.7 Violência Sexual em Relações Extrafamiliares .....   | 25 |
| 4. METODOLOGIA .....                                     | 29 |
| 4.1 Aspectos Éticos .....                                | 29 |
| 4.2 Tipo de Estudo .....                                 | 29 |
| 4.3 Coleta de Dados .....                                | 29 |
| 5. RESULTADOS .....                                      | 30 |
| 5.1 Discussão dos Resultados .....                       | 33 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                            | 38 |
| 7. REFERÊNCIAS .....                                     | 41 |



## 1. INTRODUÇÃO

Na tentativa de descrever o que é a violência, sem que seja banalizada, com base em literatura, pode-se dizer que a violência é a expressão da satisfação de uma pulsão, ou seja, manifesta-se como um sintoma da necessidade de poder ou força que vá contra a vontade do indivíduo que a recebe. Pode ser contra a si próprio, outra pessoa ou contra outro grupo, causando significativo sofrimento emocional, psicológico e físico, assim acontecendo entre duas ou mais interfaces, sendo a do indivíduo sádico que a pratica, e a dos sujeitos que a recebe sem seu consentimento, resultando em lesão, morte, dano psicológico e deficiência de desenvolvimento ou privação. (JUNIOR e BESSET, 2010; KRUG et al. 2002)

Apesar da violência ser praticada desde a antiguidade, como nos períodos de guerra por exemplo, muitos estudos contemporâneos têm se dedicado para investigar as possíveis causas e efeitos colaterais causados pela manifestação da mesma na sociedade, os quais revelam que a violência encontra-se ainda atuante na sociedade, atingindo todas as classes sociais e idades. (JUNIOR e BESSET, 2010)

Em função da complexidade de situações envolvendo menores de idade no contexto da violência, o Art. 5 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2019) enfatiza que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, exploração, violência e etc, afim de proporcionar a prevenção de todas as formas de violência e proteger os direitos e garantias fundamentais dos jovens contra qualquer conduta que os exponham direta ou indiretamente.

Aberastury (1981) afirma que o jovem adolescente está exposto a inúmeros contextos de vulnerabilidades intrínsecas em que padecem de um longo período para se tornar de fato um adulto, dificuldades essas que derivam da dependência infantil ao ter de elaborar o luto pela criança que um dia fora, em conjunto aos obstáculos do mundo externo que será de extrema importância para facilitar ou complexificar o crescimento do jovem.

O período adolescente é o desenvolvimento mais significativo no qual o indivíduo progride no âmbito físico, mental, emocional, sexual e social, iniciando na puberdade com alterações físicas, acompanhando um conjunto de fatores já maduros e finalizando-se na inserção ao período adulto. O adolescente busca por ideais para a

construção da sua identidade, mas também se depara com a violência do mundo externo versus suas pulsões internas, utilizando seu conteúdo do passado para enfrentar o novo. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981)

Diante a todos os enfrentamentos vivenciados pelos jovens, Capitão e Romaro (2008) mencionam investigações sobre denúncias e evidências no que tange à negligência entre maus-tratos, físicos, emocionais, psicológicos e sexuais contra menores. A influência da violência sexual neste momento de transição de inúmeras flutuações do ser, pode vir a contribuir para mais conflitos e instabilidades do adolescente em suas relações.

Considera-se, portanto, que o abuso sexual para com adolescentes, envolve-os também em atividades de manipulação dos órgãos genitais infantis ou do agressor, podendo ocorrer no campo intra e extrafamiliar, gerando disfunções sob o uso perverso da sexualidade, induzindo-os para atividades sexuais ilegais, prostituição e exploração pornográfica, se apoderando e manipulando o corpo da vítima segundo o desejo do infrator. (MALGARIM e BENETTI, 2010)

Com foco no presente estudo, a violência sexual acometida dentro de contextos socioculturais, atua de forma traumática no desenvolvimento psíquico do adolescente e é capaz de causar severas alterações no seu funcionamento psicológico, sendo possível a progressão para psicopatologias em determinados contextos que contribuam para tal.

Desse modo, o objetivo deste estudo foi conhecer quais são os impactos da violência sexual na adolescência, que contribuem para o desenvolvimento da personalidade frente ao trauma conduzido para a vida adulta. Em seu constructo teórico, baseamo-nos na psicanálise.

## **2. OBJETIVO**

O objetivo deste estudo de caráter exploratório, foi conhecer, à luz da psicanálise, quais são os possíveis impactos sofridos pela violência sexual no período adolescente, que contribuem para o desenvolvimento de traumas futuros no indivíduo.

### **3. CONTEXTO TEÓRICO**

#### **3.1 Puberdade e Adolescência**

Na antiguidade, a criança era considerada como uma miniatura dos adultos e apenas se tornava oficialmente adulta a partir dos marcos físicos que o corpo apresentava. O período da adolescência não era considerado como um processo de desenvolvimento - algumas culturas ainda seguem este preceito. No mundo contemporâneo, sabe-se que esse tempo da vida, a adolescência, é mais que uma etapa estabilizada; é o processo de contribuições para o desenvolvimento do indivíduo no que tange a formação do ser inserido em seus contextos, submerso em um universo de descobertas. (LIMA e DIOLINA, 2012)

Partindo do conceito cronológico, assim como a definição da adolescência é ambígua, a mesma não possui apenas uma cronologia para os principais órgãos de saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é a segunda década da vida, sendo analisada a partir dos 10 aos 19 anos de idade. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), este período varia entre 12 a 18 anos. Já no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelece-se, para efeitos da Lei Nº 8.069/90, que o período adolescente encontra-se entre 12 e 18 anos de idade. Apesar das determinações temporais dessemelhante, as organizações governamentais asseguram pela legislação brasileira, que todo adolescente tem direito de gozar do desenvolvimento físico, moral, mental, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade, conforme artigos 3 e 4 do estatuto. Em casos expressos em lei, o período adolescente é aplicável até os 21 anos de idade. (BRASIL, 2007; 1990)

O principal marco do fim da infância e início da adolescência é a puberdade. A puberdade inicia-se a partir das alterações físicas dramáticas; essas mudanças fazem parte de um longo e complexo processo de maturação corporal e cognitiva que conduz o corpo à maturação sexual, tornando o indivíduo capaz de se reproduzir. Para Papalia (2013), a puberdade é marcada por dois estágios: (1) a ativação das glândulas adrenais; (2) o amadurecimento dos órgãos sexuais alguns anos mais tarde. Com isso, o desenvolvimento corporal começa a ter mudanças visíveis, sendo que nas meninas isso ocorre por volta dos onze anos e nos meninos aos treze. Nas meninas, há o aumento nos tecidos mamários e pelos púbicos, e nos meninos o crescimento de pelos no rosto e peito e aumento dos testículos dentre demais outros marcos físicos.

Segundo Papalia (2013), a puberdade é resultado da produção de vários hormônios. O aumento do hormônio liberador de gonadotropina (GnRH), no hipotálamo leva a uma elevação de dois hormônios reprodutivos fundamentais: o hormônio luteinizante (LH) e o hormônio estimulador dos folículos (FSH). Nas meninas, os níveis aumentados de FSH levam ao início da menstruação. Nos meninos, o LH inicia a secreção de testosterona e androstenediona.

Essas mudanças hormonais seguem seu próprio ritmo, em cada pessoa, irá se desenvolver de formas diferentes, com isso, certas partes do corpo podem se tornar desproporcionais com o passar do tempo. Essas mudanças físicas, óbvias, podem evoluir para consequências psicológicas. Parte dos adolescentes estão mais preocupados com a aparência, do que com qualquer outro aspecto de si mesmo, e a maioria não gosta do que veem no espelho.

No entanto, antes de chegar à adolescência, o sujeito já iniciou a construção de sua personalidade. Apesar de não haver uma definição única sobre o que é personalidade, pode-se dizer que a mesma é um padrão de traços e características singulares de cada indivíduo. Segundo Freud (1932/1936), a personalidade é um produto da luta entre os nossos impulsos destrutivos e a busca pelo prazer que resulta em como o indivíduo vai utilizar de seus mecanismos para lidar com os conflitos internos e as exigências externas, assim, formando os principais fundamentos do prazer e moral que rege a ação do indivíduo na sociedade: consciente e inconsciente. Na identificação dos níveis de personalidade, o autor sugere que a vida mental está fragmentada na existência do consciente e inconsciente. O inconsciente trata-se da essência da personalidade do indivíduo, em que não possui o contato direto com a realidade, pois essa essência trata-se de desejos e impulsos que desconhece a moralidade, e utiliza de suas pulsões em prol do prazer.

### **3.2 Personalidade e Psicanálise**

Conforme relatado de forma ampla na *Obra Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905) menciona que o sujeito se relaciona através de exigências de satisfação da pulsão sexual, abrangendo o desenvolvimento psicosexual infantil e afirmando que a criança obtém prazer com determinadas atividades ligadas ao corpo, como por exemplo através da sucção, defecação e masturbação. E enfatiza que para a criança, a obtenção do prazer está sempre relacionada ao próprio corpo,

sem que haja necessariamente um objeto externo para obter a satisfação, visto que o corpo da criança é repleto de pulsões auto eróticas, que são pulsões sexuais independentes para a busca pela satisfação.

Dando continuidade, Freud (1901/1905) organiza a psicosexualidade infantil através de quatro fases de desenvolvimento, quais sejam: oral, sádico anal, fálica e genital. Fases essas que incluem os processos de mecanismos de defesas, como por exemplo o recalque e a projeção, que são derivados da fixação e regressão e são capazes até mesmo de alcançar a vida sexual adulta do sujeito. Ambas fases estão relacionadas ao desenvolvimento da libido em formas específicas na relação com o objeto de desejo, conforme a seguir:

**Fase oral:** o desenvolvimento ocorre desde o nascimento aos doze meses de vida. Nesta fase a zona de erotização é a boca, as atividades prazerosas são em torno da alimentação (sucção). Quando o bebê aprende a associar a presença da mãe com a gratificação movida pela fome, a mãe se torna um objeto separado, ou seja, o bebê começa a se distinguir dos outros.

**Fase anal:** ocorre durante o segundo e o terceiro ano de vida, quando o prazer está no ânus. Nessa fase a criança tem o desejo de controlar os movimentos esfinterianos e começa também a entrar em conflito com a exigência social de adquirir hábitos de higiene.

**Fase fálica:** ocorre dos três aos cinco anos, a área erógena fundamental do corpo é a zona genital, desempenhando um papel essencial para a elaboração da personalidade e orientação do desejo humano. Freud salienta que, neste estágio, o pênis é o órgão de desenvolvimento mais importante para homens e mulheres. O desejo de prazer sexual é expresso por meio da masturbação, acompanhada de fantasias importantes. Nesta fase do falo, também aparece o complexo de Édipo, que inclui o desejo do menino pela mãe, mas por ter medo de ser castrado, ele desiste desse desejo; também acontece quando a menina só muda o papel e o pai é o seu objeto de desejo. A falha em resolver esse estágio pode ser considerada a causa da maioria das neuroses.

O período de latência, que ocorre desde os seis anos de idade e vai até a puberdade, é considerado um período de relativa calma na evolução sexual. O foco desse período não são as zonas erógenas, mas sim o desenvolvimento social, criação de laços e convivência em sociedade. Assim, há uma repressão na energia sexual, que continua a existir, porém deixa de ser um foco. Ficar preso nessa fase pode fazer

com que o adolescente não saiba se relacionar de forma satisfatória com outras pessoas ao atingir a fase adulta.

Na fase genital do desenvolvimento psicosssexual, que vai da puberdade até o fim da vida, surge a vontade de querer se relacionar sexualmente com outras pessoas. Assim, se o indivíduo passou por todas as fases de forma adequada, chegará à última sabendo ter equilíbrio em diversas áreas da vida.

Pensando na constituição da personalidade, torna-se um conjunto de padrões de traços relativamente permanentes, bem como as características que dão consistência e individualidade ao comportamento de uma pessoa. Freud (1932/1936) declara que em grande parte a personalidade se forma durante esses primeiros três estágios psicosssexuais, quando são estabelecidos os mecanismos essenciais do ego para lidar com os impulsos libidinais.

As teorias psicodinâmicas partem do pressuposto da existência de três níveis na vida mental: inconsciente, pré-consciente e consciente. No inconsciente estão as pulsões, que são duas forças complementares, pulsão de vida e de morte. As pulsões são forças que estimulam o corpo a liberar energia mental. Freud (1932/1936) as dividiu em duas categorias: as pulsões de vida, que se referem à autopreservação, esta forma de energia manifesta é chamada de libido, juntamente com a catexia que é a energia libidinosa investida na representação de objeto; e instinto de morte, que é uma força destrutiva e pode ser dirigida para dentro.

Além desses três níveis mentais, Freud (1932/1936) também categorizou três instâncias psíquicas e chamou o conjunto de 'aparelho psíquico'. O aparelho psíquico é formado pelo ID, ego e superego. O ID é o lugar originário das pulsões no qual fica localizada a libido e os desejos inconscientes do indivíduo, considerado então como princípio do prazer que fornece impulso e energia, mas possui caráter amoral. Já o ego diante da personalidade do indivíduo contém o contato com a realidade e é considerado o mediador entre as excitações do consciente e do inconsciente, em que percebe o Id e o superego e a realidade como forças antagônicas, sendo o Id a força do desejo sem limitações e o superego a força do que é moral, mas que busca manter um bom relacionamento entre ambos, em especial ao id para que possa atrair sua força libidinal.

Através dessa mediação entre o mundo externo e interno, surge o conceito do superego conforme já citado anteriormente em que impõe e representa os aspectos de ordens e crenças da personalidade que são guiados por princípios moralistas e

idealistas inflexíveis, que no início do desenvolvimento da personalidade é construído através do superego das figuras parentais. Sendo assim, Freud (1932/1936) menciona que o superego se desenvolve a partir do ego, mas age de acordo com suas próprias intenções e é independente do ego para a obtenção de sua energia, no qual também não possui contato com o mundo externo, tornando-se irrealista em suas exigências de perfeição.

Freud em *dissecção da personalidade* (1932/1936; pg. 45) afirma que o superego é o herdeiro da vinculação afetiva entre a criança e as figuras paternas, sendo um fator decisivo para o abandono ao complexo de Édipo:

Abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve, conforme podemos ver, renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego. Identificações desse tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetiram-se muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está inteiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado.

Retomando e aprofundando no conceito do complexo de Édipo já citado anteriormente na fase genital, o mesmo será de suma importância para compreender a relação afetiva entre a criança, desempenhando o papel da elaboração da personalidade e na orientação do desejo humano. Conforme afirma Costa (2007), o complexo de Édipo é caracterizado pela passagem do imaginário no qual o objeto de desejo antes definido como relação incestuosa materna ou paterna, transgredido através do simbólico a passagem para uma triangulação entre o papel materno, paterno e o indivíduo.

A partir desta fase, quando há uma castração dos pais sobre este desejo incestuoso da criança, a mesma abandona a fantasia incestuosa, no qual a partir desta resolução, surge uma nova instância do aparelho psíquico caracterizado como superego. O superego irá determinar na personalidade do indivíduo questões sobre valores, moral e normas que são essenciais para o convívio social, caindo por terra a fantasia incestuosa e desenvolvendo a capacidade do indivíduo de ter consciência e controle sobre suas pulsões, inclusive à impossibilidade do acesso ao gozo em contraste com as normas da sociedade que determinam o que pode ou não pode ser praticado no convívio social. (COSTA, 2007)



Caso não ocorra a transgressão do complexo de Édipo de forma resolutiva, no qual Freud (1932/1936) a chama de castração, pode-se considerar que através da negação, recalque imperfeito ou censura dos desejos do indivíduo sobre suas relações incestuosas, a má resolução poderá ser manifestada na vida real do indivíduo comprometendo a personalidade através de sintomas neuróticos, psicóticos ou perversos.

As neuroses surgem devido à pressão do Id sobre o ego em lidar com os desejos do indivíduo, em que esses desejos quando possuem pulsão muito intensa, ultrapassam o recalque e se manifesta entre o mundo interno e externo através dos seguintes sintomas: dores corporais ou paralisias em caso de neurose histérica; repetição e compulsão na neurose obsessiva; medos irracionais em neurose fóbica; problemas relacionados à pulsões na vida sexual adulta, considerada como neurose atual; comportamento intolerante a estímulos em neurastenia; sintomas relacionados aos episódios de pânico em neurose da angústia; e por fim, a hipocondria em que o indivíduo possui convicção de que possui uma doença grave. (FREUD, 2016)

Dessa forma, ao infringir normas pré determinadas pela sociedade através de suas pulsões, o indivíduo sente culpa e desejo de reparação, com a finalidade de reprimir os impulsos sexuais em busca de punição sobre si mesmo, surgindo a partir de então, as neuroses mencionadas anteriormente. (SILVA, 2019)

Já na psicose o indivíduo vive apenas em seu inconsciente, construindo uma realidade paralela da realidade do mundo externo, ocasionado por comprometimento neurofisiológico resultando em psicopatologias relacionadas a paranóia, esquizofrenia e alterações do humor. Já a perversão ocorre através do simbólico imaginário que, ao contrário da neurose, possivelmente dá voz à pulsão imposta pelo id mediante ao fetiche como fonte de satisfação libidinal e é manifestada através de fetiches sexuais como por exemplo o voyeurismo e exibicionismo. (SILVA, 2019; FREUD, 2016)

De acordo com Freud (1901/1905), a sociedade impõe regras e limitações para que o indivíduo se torne um fiscalizador de si mesmo, com a finalidade de auto reprimir os impulsos sexuais que não são adequados à sociedade, mas que em complemento, a sociedade sem repressão seria autodestruidora, uma vez que todos os indivíduos agiriam de acordo com seus instintos mais agressivos. Sendo assim a família processa um papel totalmente necessário para a estruturação do psiquismo da criança e do adolescente, atuando conseqüentemente em sua personalidade.

### 3.3 Identidade no Contexto das Relações Familiares

Tanto os adolescentes quanto as crianças são sensíveis à atmosfera familiar, podendo ser afetados positiva e negativamente dependendo do contexto em que estão inseridas. De acordo com Winnicott (1945/1996), cada ser é constituído por uma integração pessoal sobre o desenvolvimento emocional individual. Desenvolvimento esse que depende de modo absoluto dos cuidados maternos para que o indivíduo caminhe progressivamente, desde a dependência do bebê quanto às primeiras necessidades, quanto fornecendo o apoio para evoluir em direção à independência e desenvolvimento sadio.

Desde a infância, a relação do cuidado materno oferecido por ambos os pais, é extremamente importante para a formação e desenvolvimento do indivíduo também para outras fases da vida, pois o bebê precisa do ego integrado da mãe como ego auxiliar, para atender suas necessidades físicas e afetivas na construção de um ego integrado para si próprio. Caso haja ruptura ou ausência afetiva constante por qualquer motivo, o suporte egóico é conseqüentemente afetado, possibilitando ansiedades e sentimentos de despersonalização e desproteção. (WINNICOTT, 1945/1996)

Dito isso, a concepção de identidade está diretamente relacionada ao contexto familiar, que de acordo com Aberastury e Knobel (1981), há muitos estudos sobre o período da adolescência que consistem somente no próprio adolescente, sem levar em consideração o contexto que o mesmo é inserido e os aspectos que o levaram a futuras implicações. Este período de desenvolvimento como os demais, têm em vista indispensavelmente os pais, devido a apresentarem grandes sinais de resistência a este processo de desenvolvimento, no qual são obrigados a enfrentar o processo de luto, conforme segue:

Vê se enfrentado a aceitação do porvir, do envelhecimento e da morte. Deve abandonar a imagem idealizada de si mesmo, que seu filho criou e na qual ele se acomodou. Agora já não poderá funcionar como líder ou ídolo e deverá, em troca, aceitar uma relação cheia de ambivalências e de críticas. (ABERASTURY E KNOBEL, 1981, pg.11)

O adolescente manifesta de forma subjacente nos adultos os conflitos internos e externos que ele reprimiu, os levando ao processo de aceitar e/ou confrontar o que fora "construído" em sua vida até então. A ambivalência e resistência inconscientes, geram significativo desamparo e projeção de próprias idealizações, impedindo que o

jovem apodere-se da independência e maturidade. Os pais também têm que caminhar sobre a linha tênue entre dar suficiente independência aos adolescentes e protegê-los de falhas de julgamento decorrentes da imaturidade - liberdade com limites que permite a cautela, observação, contato afetivo e diálogo versus liberdade sem limites que é derivada ao desabrigo emocional. As tensões podem levar a conflitos familiares e os estilos de parentalidade dos pais podem influenciar sua forma e desfecho.

É imprescindível que a comunicação parental seja exercida desde o nascimento, dado que é fundamental para o desenvolvimento em todas as fases da vida, tanto quanto na juventude e adolescência. No caso de domínios e liberdade extremos pode haver hostilidade no diálogo aberto com o jovem, pois críticas constantes, coerção raivosa ou comportamento rude não cooperativo prejudicam as interações entre pai e filho; o jovem tende a apresentar problemas de comportamento agressivo, piorando o relacionamento entre os mesmos. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981)

O adolescente desidealiza as figuras parentais perante o profundo desamparo, desenvolvendo o pensamento crítico sobre si, seus pais e a sociedade, chocando-se com as flutuações de identidade que utiliza como enfrentamento o modo de se apresentar via vários personagens frente aos pais e a sociedade, com bastante frequência e versões de si mesmo. Ao mesmo tempo, entra em conflito consigo mesmo por buscar aprovação de conquistas e escolhas para com os pais e a sociedade que, quando não encontra tal aprovação sente-se submerso em sentimentos de rejeição, incompreensão e liberdade. Sentimentos esses que o adolescente elabora como abandono social e familiar, percebendo-se, como dito anteriormente, em intenso desamparo. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981)

Em meio a tantas renúncias de ambos os lados, a dependência infantil do adolescente não está de fato superada, gerando confrontos externos da mesma que ainda perseveram e, ao mesmo instante, há a dor da perda da dependência infantil vivida pelo adolescente, que não é muito notória para os pais que reforçam em ser uma figura de autoridade, ocasionando considerável ruptura de comunicação neste relacionamento familiar, intensificando ainda mais o processo de desamparo e rebeliões ao jovem. Deve-se levar em conta, também, os contextos socioeconômicos que influenciam fortemente nos fatores de desenvolvimento da identidade perante a cultura na qual os indivíduos estão inseridos frente ao conflito econômico em oposição a liberdade. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981)

Devido à instabilidade da construção da identidade, marcos físicos e cognitivos junto a outros aspectos de subjetividade, o adolescente encontra-se mais sensível para absorver os conflitos em sua volta, pois experiencia mudanças que geram conflitos internos e externos por diversos fatores, conforme relata Aberastury e Knobel (1981, p. 5):

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O que configura uma entidade semipatológica que denominei como 'síndrome normal da adolescência', que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária para o adolescente [...]

Em virtude desse processo que impõe mudanças perturbadoras, o adolescente se vê obrigado a enfrentar o mundo do adulto mesmo sem estar totalmente preparado, mas também deve obrigatoriamente se desprender do seu mundo infantil no qual vive confortavelmente em seu passado.

Dentre os principais fatores impactantes, pode-se citar que inicialmente o adolescente vive um período de luto pela perda da infância que, de acordo com Aberastury e Knobel (1981), é vivenciado por três fases, sendo elas: a) a luta pela perda do corpo infantil, que possui base biológica e o propõe sentimentos involuntários do próprio organismo e relação ao mundo externo; b) O luto pela perda da identidade infantil, pois a sociedade impõe a renúncia das dependências paternas e maternas e postulam a aceitação de responsabilidades sociais das quais ainda desconhecem; c) luto pelos pais da infância em razão da falta de acolhimento que quando criança lhe era liberado, em paralelo às projeções dos pais no processo de aceitação do envelhecimento e o fato dos filhos deixarem de ser crianças. Além desses lutos há também o luto básico da bissexualidade.

E é justamente o processo de elaboração desses lutos que o adolescente recorre a alguns manejos, segundo Aberastury e Knobel (1981), caracterizando-os de semipatológicos. É necessário que a maturidade biológica, intelectual e emocional esteja munida de forma uniforme para que o adolescente consiga de fato entrar no "mundo adulto", sendo assim capaz de se auto conscientizar sobre aspectos de si mesmo e do mundo externo. Este fato é pré-requisito para que haja condições de desenvolver a habilidade de agir frente a questões da vida que requerem resiliência e ação, podendo confrontar e renunciar aspectos de si mesmo para alcançar um ideal.

### 3.4 Especificando a Violência

Num esforço para encontrar uma definição da violência, entende-se que não se pode reduzi-la a determinados fatores, em razão que há várias formas de violência por serem determinadas culturalmente. Desde 1996, a Organização Mundial de Saúde (OMS), considera a violência como um problema de saúde pública e Krug *et al.* (2002) enfatiza a importância do reconhecimento precoce e prevenção das possíveis dificuldades na vida adulta:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG *et al.* 2002, p.5)

Além disso, nesta mesma publicação, a OMS propôs a divisão do conceito de violência em três categorias: a) violência auto infligida: como comportamento suicida e auto-abuso; b) violência interpessoal: quando a violência ocorre através de membros da família dentro de casa; c) violência coletiva: inclui violência social, política e econômica que são cometidas por grupos maiores ou pelo Estado, podendo ter diversos motivos. A violência intrafamiliar está inserida na categoria violência interpessoal e pode ser definida como aquela que ocorre em grande parte entre os membros da família e parceiros íntimos, normalmente, mas não exclusivamente, dentro de casa, conforme afirma. (CARVALHO, 2012; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002)

O ato violento é considerado segundo a OMS em quatro tipos de manifestação comportamental da violência, sendo a física, sexual e psicológica; ambas podendo ou não levar a contextos fatais. Por ser impossível relatar detalhadamente sobre todos os tipos de violência neste estudo, o mesmo terá enfoque específico na violência sexual vivida na adolescência e os possíveis traumas gerados para a vida adulta.

### 3.5 Enfoque na Violência Sexual

A violência sexual pode ser acometida em vários contextos, nos quais a maioria deles são classificadas como abuso corpóreo apesar de infelizmente não se reduzir apenas a esta classificação, pois conforme diretrizes da OMS (2002), a prática da violência sexual pode ser qualquer comportamento que busque como objetivo a

tentativa e/ou a consumação de um ato sexual, ou seja, pode estar associado a comentários, ataques, coerção, investidas sexuais ou qualquer outra forma contra a sexualidade, exercendo de um poder ou de uma força sobre um outro, contra sua vontade e sem seu consentimento, podendo acontecer em casa, instituições, internet, entre outros ambientes da comunidade, como escolar, igrejas e etc. (LIMA E DIOLINA, 2012)

Ainda em conformidade com a OMS (2002), a violência sexual inclui diversas formas de agressão, por meio de abuso sexual incluindo o contato físico envolvendo algum órgão sexual: penetração forçada fisicamente por meio da vulva, ânus, utilizando o pênis, outras partes do corpo ou até mesmo através de objetos; ou por meio de abuso sexual sem contato físico entre os contextos de: assédio sexual verbal, telefonemas obscenos, exibicionismo, voyeurismo, exposição a filmes, imagens ou situações de pornografia. (MALGARIM e BENETTI, 2010)

A violência sexual praticada em adolescentes também é considerada como um problema de saúde pública. A mesma se expressa em todas as classes sociais e econômicas de diferentes etnias, causando danos irreversíveis na vida da vítima. (LIMA E DIOLINA, 2012) A adolescência na atualidade é identificada por um período de conflitos, definições, inseguranças e vulnerabilidades, uma vez que os fatores determinantes estão conectados ao contexto de vida, expondo o adolescente à ainda mais vulnerabilidade para sofrer violência sexual. (CARVALHO, 2012)

No processo histórico da violência sexual contra crianças e adolescentes, Lima e Diolina (2012), mencionam diferentes períodos históricos e em diferentes culturas que existiam desde a antiguidade o relacionamento sexual de adultos com jovens e até mesmo crianças, relatando de forma aprofundada a cultura religiosa na qual acometia o abuso e na maioria das vezes eram com menores de idade, mas que os próprios membros da igreja encontravam formas de influenciar e/ou camuflar os atos, para não receber punições. Diante disso, muitas das vítimas preferiram não se manifestarem para não se expor, ou até mesmo com receio de serem descredibilizadas diante da denúncia.

Na contemporaneidade, apesar do aumento dos índices de denúncias conforme relata Carvalho (2012), ainda existem casos de vivência da violência sexual, mas são raramente denunciados em função do sentimento de medo e vergonha da vítima em ter de admitir publicamente tal indivíduo como agressor, principalmente em relações entre casais adolescentes.

Além da violência sexual corpórea, conforme citado anteriormente, atualmente também existe a violência sexual nos meios de comunicação social que de acordo com Lima e Diolima (2012, pg. 4):

Os meios de comunicação social têm contribuído no processo de erotização infantil. A música, a dança, televisão, cinema são fatores que influenciam na da banalização do sexo e do corpo, muitas vezes encarados pelos pais que permitem o acesso a essas informações como processo normal.

Sendo assim, a trajetória da violência sexual sob a criança e o adolescente passou por modificações ao longo dos séculos, sendo atualizadas e criando alertas sobre o contato dos menores aos conteúdos que visam explorar o corpo em busca de sexualiza-los.

### **3.6 Violência Sexual em Relações Intrafamiliares**

De acordo com o art. 227 da Constituição Federal brasileira, de 1988:

(...) os pais são os responsáveis pela formação e proteção dos filhos, não só pela detenção do pátrio poder, mas pelo dever de garantir-lhes os direitos fundamentais assegurados pela constituição, tais como a vida, a saúde, a alimentação e a educação. (Brasil, 1988)

A lei garante, portanto, a responsabilidade da família e a sua punição, em caso de abuso e violência contra crianças e adolescentes. (Brasil, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal)

Em concessão com a Constituição Brasileira, Azevedo e Guerra (1989) constata que a violência intrafamiliar é um abuso de poder dos pais ou responsáveis que ao praticar tal ato, negligenciam os direitos da criança e adolescente de forma a sonegar valores humanos e cuidados fundamentais para o desenvolvimento, liberdade e segurança da vítima.

A família sem dúvida desempenha as principais funções do ser humano na sociedade no período da infância e adolescência conforme já citado anteriormente, em razão de ser a primeira instituição em que o indivíduo tem seus primeiros contatos de vida para a interação com o mundo externo, e ainda tendo de exercer pela legislação brasileira a maior proteção que um criança e adolescente pode ter contra perigos do mundo externo, que segundo Carvalho (2012), nem todas as famílias possuem essa estrutura de rede de apoio sólida para garantir a evolução total da criança e adolescente.

Conforme revisão da literatura, Malgarim e Benetti (2010), relatam que na maioria dos casos levantados, o cenário do abuso sexual ocorreu na casa das vítimas, ou seja, foi praticado dentro da própria família, indicando abuso sexual incestuoso. Além disso, a idade da denúncia ocorria muitas vezes apenas a partir da fase adolescente, apontando que supostamente o ato se estendeu durante anos na vida da vítima e que possivelmente foi encoberto também pela própria família.

Além disso, devido ao patriarcado e ao incesto, a violência sexual é geral e comum em todas as classes sociais e, que a maioria dos abusadores são do sexo masculino, pois os homens são encorajados culturalmente a mostrar sua virilidade e impor sua violência contra mulheres, crianças e jovens, devido ao exercício de poder dado pela sociedade. (AZEVEDO e GUERRA, 1989)

O incesto é considerado qualquer relação com objetivo sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente que seja menor de idade, desde que exista um laço sanguíneo e familiar direto ou indireto, caracterizando o abusador e a vítima em algum grau de parentesco que juntamente, possui o significado de um universo de segredos e promessas de silêncio sobre algo algum aspecto que se deve envergonhar. (MATIAS, 2006)

É considerado um dos tipos de abusos mais comuns conforme mencionado por Malgarim e Benetti (2010), pelo fato do agressor estar em um ambiente facilitador por configurar o papel de possivelmente um responsável, cuidador ou parente conforme já mencionado, levando a vítima acreditar ser uma relação de afeto, fazendo o uso perverso da sexualidade.

O processo de reconhecimento da relação abusiva neste contexto traz consigo complexos para todos envolvidos direta e indiretamente, em busca de reconhecer que tal atrocidade acontece no seio familiar. A criança ou adolescente passa a se ver em uma situação de culpa, medo, vergonha e confusão, já para a família propende a gerar reprodução da cultura do silêncio, onde o *“abuso acaba sendo cometido por todos, de maneira cruel e em segredo, passando por várias gerações sem vir a ser descoberto”*. (MALGARIM e BENETTI, 2010, pg 126)

Malgarim e Benetti (2010) revelam que o impacto do abuso sexual e os danos vivenciados através do trauma variam de acordo com a situação e graus de sentimentos da vítima para com o abusador. Sentimentos esses de traição, submissão e estigma que levam à vítima a constatação de que há uma relação de exploração, resultando a não confiar em qualquer relação com outros adultos, visto que não



conseguem cumprir com a figura de proteção, submetendo-a ao poder dos mesmos adultos e gerando uma vivência ainda mais traumática e invasiva, levando ao estigma de não encontrar meios para esquivar-se da situação de abuso, apoderando-se da ideia de auto questionamento do porquê de ter sido escolhida pelo abusador. Características essas que são determinantes para melhor especificar o impacto de acordo com a intensidade e frequência do trauma vivido no desenvolvimento psicossocial e emocional da vítima.

Relacionando o abuso sexual com o campo psicanalítico, a formulação do complexo de Édipo e da sexualidade infantil relata os desejos incestuosos da criança para com as figuras maternas e paternas. Decorrente do processo da adequada castração, a criança desenvolve uma instância psíquica conforme já mencionado, nomeada de superego. Instância essa que representa as regras e normas sociais que regem a conduta do sujeito, determinando a prática do incesto como imoral. (SILVA, 2019)

A proibição do incesto é oriunda da cultura em que o indivíduo está inserido, uma vez que se sente culpado pelos impulsos sexuais, utilizam de códigos e regras como mecanismos para não praticar aquilo que é imoral socialmente construído. Influência essa que é determinante e orienta o indivíduo dos códigos e regras estabelecidas naquele grupo, cabendo a cada cultura a definição de suas moralidades e costumes para o convívio entre si. (SILVA, 2019)

Seguindo o preceito do conceito familiar e cultural, Carvalho (2012, pg.15) relata que “a pedofilia, o incesto, o estupro são alguns exemplos de violência sexual comuns à faixa etária”, ou seja, um lar que deveria ser ofertado acolhimento e proteção, tem os adultos próximos como autores da violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, como os próprios pais, padrastos ou algum parente próximo, ou seja, além dos riscos do mundo externo, o adolescente está cada vez mais exposto à vulnerabilidades.

### **3.7 Violência Sexual em Relações Extrafamiliares**

A construção dos vínculos da criança se dá a partir das relações de afeto, convivência e representação que a criança e o adolescente obtêm através dos papéis que as pessoas desenvolvem em sua vida, mas não restringindo apenas a este contexto. Nas situações de violência sexual extrafamiliar, Knobel (1981), afirma que

devido a construção egóica no período adolescente, em que o mesmo se depara com o luto da infância conforme anteriormente especificado, anseia por viver intensamente, obtendo atitudes em torno de curiosidades e sonhos em busca de autonomia.

Devido a este processo de desenvolvimento, a violência sexual acometida nas relações extrafamiliares podem estar associadas a falhas na comunicação e fragilidade afetiva oriundas do espaço familiar. Um ambiente familiar que não proporciona os conceitos fundamentais como a proteção, por exemplo, pode fazer com que o jovem adolescente não consiga detectar a violência, convivendo com a mesma de forma natural ou esperada. Ambientes familiares hostis impactam na transição para o ambiente de abusos, nos quais o adolescente pode considerar que se não teve apoio das figuras paternas, não poderá compartilhar com os mesmos as suas angústias. (CARVALHO, 2012)

Em situações de violência sexual extrafamiliar, geralmente o autor de tal atrocidade pode vir a ser qualquer indivíduo próximo ou não da família, conforme menciona Vagliati (2014). Os autores dessa violência são pessoas fora da família como “professores e amigos, cuidadores, conselheiros, assistentes sociais, polícias, mãe e/ou pai de amigos, religiosos, estranhos, conhecidos, vizinhos, amigo do pai, amigo da família e outros”. (p. 49)

Diferentemente dos casos intrafamiliares em que os abusadores estão mais propensos formular negação e omissão, nas situações extrafamiliares, a família ou responsáveis se preocupam mais no que se refere a identificar o abusador e os danos biopsicossociais e emocionais que podem impactar no desenvolvimento da vida da criança ou adolescente, oferecendo desta forma um ambiente de suporte para a superação, junto a proteção para que não ocorra novos episódios de abuso sexual. (VAGLIATI, 2014)

Na atualidade, meios de comunicação em geral contribuem para a sexualização de crianças e adolescentes, mas especificamente a internet, abre muitas portas para tal violência. A internet sendo o meio de comunicação em massa mais popularizado atualmente, proporciona a facilidade de estabelecer relações entre indivíduos independentemente de onde ele se encontra no mundo. As redes sociais como Facebook, Twiter, Whatsapp e Instagram são as redes mais utilizadas até o momento devido à facilidade em interação entre os sujeitos possibilitando o acesso de qualquer idade, para obter o alcance desejado. (SILVA, 2019)

Apesar das redes sociais serem facilitadoras para a vida das pessoas, por outro lado, podem também oferecer grandes complicações através do uso indevido, principalmente na criação de perfis falsos para atrair crianças e jovens através da sedução por parte de um adulto, tornando a violência ainda mais complicada para ser detectada e combatida. (SILVA, 2019)

Em conformidade, Hartmann e Savitskaia (2011), ressaltam que alguns dos conteúdos mais consumidos da mídia remetem a temas sexuais adultos que estão cada vez mais misturados com a infância e adolescência. Ambiente esse que propaga a cultura pública do sexo que indica aos usuários as tendências de que a feminilidade está ligada à exibição do corpo e associada a busca pelo corpo perfeito, com o objetivo de poder atrair o desejo dos homens.

As novas tecnologias nas redes sociais induzem a maximização do prazer entre todas as faixas etárias dos usuários, possibilitando a vulnerabilidade entre crianças e adolescentes e induzindo-os a exporem seus corpos, conseqüentemente permitindo que a sedução dos adultos para com as crianças e jovens aconteça de modo a compartilharem entre si comunicações de cunho sexual, fotos nuas ou até mesmo encontros presenciais, sem mensurar a complexidade de tais atos.

De acordo com Silva (2019), tais crimes de sexualidade via internet se iniciam no campo virtual, mas são capazes de atingir diversas áreas da vida da vítima, inclusive o campo psicológico ou até mesmo a violência física. Por consequência, observa-se que a sociedade está em constante desenvolvimento, utilizando infelizmente até mesmo mecanismos atuais a fim de seduzir as vítimas para satisfazerem exclusivamente os seus desejos sexuais sem que a vítima tenha consciência da gravidade dos riscos.

Além das tecnologias, a violência sexual e pedofilia contra crianças e adolescentes extrafamiliares acontecem também em outros contextos, como por exemplo em igrejas e escolas, gerando grande repercussão por serem locais considerados respectivamente sagrado e de aprendizagem, onde deveria ter como fundamento a proteção para todos os menores vítimas de tais atos. (SILVA e BARBOSA, 2018)

Ademais dos contextos mencionados, muitos casos de violência sexual na adolescência é aconetivo também em relações com o parceiros sexuais. Muitas das vezes adolescentes se mostram mais vulneráveis devido a ser forçados pelos parceiros ao ato sexual e cedido a tal sem vontade diante do pressionamento dos

mesmos, gerando angústia e sentimento de estar sofrendo violência sexual da mesma maneira, por ter cedido parcialmente mas principalmente por não estar com o desejo de praticar o ato sexual. (CHAGAS e MORETTO, 2013)

Contudo, o período da adolescência se mostra muito vulnerável à sofrer violência sexual em contextos extrafamiliares devido à desvinculação do indivíduo com seus pais, decorrente ao luto pela perda do corpo infantil que já dá lugar a puberdade com a finalidade da busca pela identificação e vivências intensas no mundo externo. (SILVA, 2019)

Freud em “o mal estar da civilização” (1927/1931), revela que os indivíduos vivem em busca da satisfação de suas pulsões e prazer para suprir o conceito de felicidade, mas em caso de insatisfação ou repressão, as pessoas vão em busca de outras motivações para suprir a qual inicialmente fora impossibilitado.

Em contrapartida, indivíduos que têm em sua personalidade traços de perversidade podem vir a não atender às regras contra fetiches ilegais. O fetiche é caracterizado através das preferências ou obsessões por práticas socialmente não aceitas, como por exemplo a parafilia: pedofilia, identificado no DSM-V na categoria de Transtornos Sexuais nos quais precisam atender aos critérios ali descritos, mas que em sua síntese tem intensa busca pelo prazer sexual através de meios inapropriados sem o consentimento da vítima no mesmo momento em que a coloca em situação de risco. (SILVA, 2019)

Devido à anomalia na escolha do objeto de desejo, a pedofilia é mencionada na classe das perversões, considerando o comportamento sexual disfuncional em relação ao aceito pela sociedade, em que o indivíduo conduz a libido para crianças ou adolescentes. Através do termo perversão, Freud afirma que para a psicanálise o sujeito perverso é aquele que possui um desvio sexual em relação à alguma norma, afirmando conseguinte que diante disso, considera-se a pedofilia como um ato incontestável devido ao agressor optar por “pessoas sexualmente imaturas como objetos sexuais”. (1901/1905, pg. 92)

## **4. METODOLOGIA**

O objetivo deste estudo, de caráter exploratório, foi analisar quais são os fatores que contribuem para o desenvolvimento da violência no período da adolescência. Os dados coletados foram utilizados exclusivamente com finalidade científica.

### **4.1 Aspectos Éticos**

No desenvolvimento deste trabalho, respeitou-se às Normas Técnicas da Associação Brasileira (ABNT), para a realização adequada da formatação, escrita, citação de autores, bem como as referências bibliográficas, etc.

### **4.2 Tipo de Estudo**

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório, utilizando-se do referencial teórico da psicanálise. A pesquisa exploratória possibilita uma visão geral acerca de determinado fato, a fim de conduzir o desenvolvimento, a elaboração e modificação de conceitos e ideias. É uma forma de pesquisa que visa elucidar a elaboração de problemas mais precisos ou hipóteses que contribuam para futuras pesquisas e, para isso, utiliza-se de fontes bibliográficas e eletrônicas para a busca de dados e resultados de pesquisas de outros autores, visando, também, fundamentar teórica e cientificamente determinado objetivo.

### **4.3 Coleta de Dados**

O presente estudo caracteriza-se por ser uma revisão de literatura. Compreende-se que os trabalhos de revisão são uma forma de pesquisa que utilizam fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores, com o intuito de fundamentar teoricamente um determinado objetivo.

Os critérios de seleção foram: periódicos eletrônicos, texto completo disponível online e em português, artigos e teses com título e/ou resumo com referência aos

traumas ocorridos em decorrência da violência sexual na adolescência com enfoque psicanalítico.

Nas diferentes bases de dados foram identificadas 65 publicações que abordavam os termos, mas nenhuma que estava diretamente relacionada ao objetivo proposto neste estudo. Através da leitura do título e do resumo, foram reduzidas para 38. Dessas, através dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas 8 publicações para o levantamento da discussão e resultados.

Foi realizado um levantamento na base de dados SCIELO, Redalyc, AJES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (TEDE). Utilizamos como descritores alguns termos que se relacionavam com a temática, lançados juntos ou individualmente e entrecruzados: adolescência, identidade, violência sexual, psicanálise e trauma.

## **5. RESULTADOS**

As publicações selecionadas para o levantamento das informações contidas neste estudo foram consideradas a partir de conteúdos que auxiliaram no estudo, e contribuíram com informações que se relacionavam com o objetivo proposto neste trabalho. Essa etapa constituiu em um processo de codificação, interpretação e de interferência sobre as informações contidas nas publicações, buscando decifrar, em cada texto, o objetivo que atendesse ao propósito da pesquisa, como mostra o quadro a seguir:

**Quadro 1 - Fontes de informação consultadas e conteúdos relevantes**

| <b>Autores</b>                       | <b>Ano</b> | <b>Título</b>  | <b>Objetivo</b>   | <b>Tipo de publicação</b> |
|--------------------------------------|------------|--|---|---------------------------|
| Capitão, C. G.<br>Romaro, R. A.      | 2008       | Caracterização do Abuso Sexual em Crianças e Adolescentes  | Investigar a ocorrência do abuso sexual na infância e adolescência, tal qual ele é lembrado posteriormente, caracterizando suas principais formas, por quem foi praticado, em que época da vida ocorreu | Artigo                    |
| Carvalho, L. S.                      | 2012       | A violência sexual na adolescência: significados e articulações  | Investigar aspectos da identidade e da sexualidade em adolescentes que vivenciaram violência sexual   | Tese doutorado            |
| Chagas, L. F.<br>Moretto, M. L. T.   | 2013       | A violência sexual e a repetição: a importância da função do segredo para a clínica psicanalítica e o tratamento na instituição de saúde | Apontar a importância da escuta do “segredo” para que uma mulher que tenha vivido essa experiência na infância, possa ser tratada na vida adulta  | Artigo                    |
| Florentino, B. R.<br>B.              | 2015       | As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes  | Realizar uma discussão sobre os impactos da violência sexual sobre as crianças e adolescentes   | Artigo                    |
| Lima, I. V. B.<br>Diolina, J.        | 2012       | Consequências Psicológicas do abuso Sexual na Infância e Adolescência: Uma Ferida Invisível  | Busca compreender e identificar as causas e as consequências que afetam a vida desse sujeitos nas dimensões física, psicológica, afetiva e cognitiva  | Artigo                    |
| Malgarim, B. G.<br>Benetti, S. P. C. | 2010       | O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo   | discutir a questão do abuso sexual, destacando a contribuição psicanalítica na compreensão do impacto do abuso sobre o desenvolvimento psíquico do indivíduo  | Artigo                    |

|                                 |      |  |   |        |
|---------------------------------|------|--|---|--------|
| Silva, R. A.<br>Teixeira, L. C. | 2017 | Adolescência e o traumático: Sobre abuso sexual e as Vicissitudes Do Sujeito | Conhecer, por meio da escuta psicanalítica, as implicações subjetivas referentes à vivência de abuso sexual na adolescência.          | Artigo |
| Sei, M. B.<br>Souza, C. C. C.   | 2019 | Abuso sexual de crianças e adolescentes: trauma e transmissão psíquica       | Entender a vivência do abuso sexual por crianças e adolescentes e suas consequências – individuais, familiares e na própria sociedade | Artigo |



## 5.1 Discussão dos Resultados

A psicanálise aponta através da teoria do aparelho psíquico que as instâncias ego, id e superego são de suma importância para a construção da personalidade do sujeito. Considerando que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, quando os pais deixam de ser objetos libidinosos e de desejos do filho (castração), passam a ser modelos de identificação e influências sociais para o mesmo. Com a dinâmica do pai violentador sexual, sua imagem também poderá ser introjetada no superego do filho, que conseqüentemente poderá modificar sua instância reguladora frente a influências sociais, culturais e morais.

Estudos realizados relatam que a violência pode ser considerada na linha psicanalítica como um sintoma em que os indivíduos agressores expressam satisfação e gozo ao exibí-las em seus contextos e comportamentos, de forma a romper com as condutas sociais constituídas no interior de suas culturas e normas.

Dessa forma, partindo do conceito psicanalítico sobre o mundo interno e as relações com o mundo externo, as instâncias psíquicas do sujeito o remete ao conceito de pulsão, libido e gozo, permitindo que os indivíduos sádicos sintam prazer em praticar suas agressividades sexuais contra as vítimas. Dados esses que revelam que os agressores sexuais são homens na quase totalidade dos casos.

Através das referências simbólicas sobre o complexo de Édipo, o mesmo é de suma importância tanto para a construção da personalidade, quanto para a orientação do desejo do agressor, presumindo que através da castração dos desejos do indivíduo de forma não resolutiva, por motivos de ausência do interdito da figura paterna, negação ou recalque imperfeito, tal conteúdo transgride do simbólico para o real. Transgressão essa que pode vir a comprometer o desenvolvimento da personalidade do indivíduo frente ao manejo da pulsão sobre seu objeto de desejo, o levando a desenvolver a perversidade em contextos que contribuem para tal.

Dando sequência, pesquisas revelam que a violência sexual ocorre em todas as classes econômicas, sociais e étnicas, sob qualquer idade, gênero e cultura, mas que devido a vulnerabilidade, os agressores geralmente possuem como preferência o abuso contra crianças, adolescentes, mulheres, pessoas não-heterossexual e especificamente dentro público infantil, há uma prevalência maior das ocorrências no sexo feminino em todas as idades.

A violência sexual contra crianças e adolescentes geralmente acontecem em relações intrafamiliares em que os infratores normalmente são pais, padrastos, irmãos, primos, tios e avós; e também em contextos extrafamiliares sendo em igrejas, escolas, internet, parceiros sexuais – em caso de adolescentes e adultos – amigos, vizinhos, profissionais de saúde e etc.

Dentro do contexto extrafamiliares, a utilização da internet no mundo também facilita a interação entre todas as idades, induzindo o consumo de sexismo nas mídias em que há atuação de pessoas mais velhas para seduzir crianças e adolescentes à determinado desejo sexual é constante, devido ao fato do agressor poder falsificar a própria identidade com perfis fakes para atrair ainda mais os jovens.

A violência sexual na adolescência promove dificuldades e fragilidades no processo de identificação, pois é na adolescência que este sujeito terá a tarefa de iniciar o processo de reorganização da identidade frente a si mesmo e também em relações com o mundo externo. Para tal necessita realizar a adaptação do sentido do “eu” às mudanças puberais, além de construir uma identidade sexual em grau mais maduro, buscar novos valores e fazer uma escolha ocupacional. No cenário da violência sexual, as outras formas de violência podem ocorrer antes, durante e após o estupro propriamente dito.

Falando desse assunto tão complexo na vida de crianças e adolescentes, pesquisadores também relataram certo grau de riscos e traumas diferentes no que se refere aos seguintes aspectos: grau de relação com o abusador (incesto); rede de apoio; tempo em que a vítima sofre tal abuso; presença de violência física - agressões e negligências; violência psicológica que também envolve os impactos após a revelação do ato para outras pessoas. Esses aspectos auxiliam na produção do adoecimento das vítimas a curto, médio e longo prazo.

Devido ao “poder” dado pela sociedade aos homens, pesquisas revelam que a pedofilia existe desde os tempos primórdios na sociedade, sendo que foi uma prática aceita dentro de várias culturas e religiões; prática essa que transcendeu gerações, mas com o passar dos anos a sociedade passou a compreender que essas práticas eram prejudiciais às crianças e aos adolescentes, dessa forma, passaram a não ser aceito em diversos países.

Autores revelam que vitimas do sexo masculino são de certa forma negligenciadas por haver um serviço de saúde apenas para vítimas do sexo feminino.

Dado que remete também a outros estudos em que dão o enfoque apenas às vítimas mulheres.

Resultados mapeados via pesquisas quantitativas também informam que impactos emocionais na vida do adolescente são subjetivos e dependerá totalmente de como rede de apoio (caso houver) e espaços sociais irão oferecer os devidos suportes à vítima e família, objetivando a elaboração do trauma.

Os estudos quantitativos analisados, apontam grandes evidências de que há maior concentração de violação sexual em público infantil; dados esses que são declinantes quando se tratam de adolescentes e mais ainda em pessoas adultas, nos fazendo refletir que os abusadores buscam relações de confiança de estarem convictos que a vítima não irá se queixar. Apesar dos números decrescentes em relação à faixa etária de cada fase da vida, ainda há existência do abuso que traz consigo suas consequências para todos os envolvidos.

No contexto de consequência para os violentadores, deve-se levar em conta a rede de apoio e confiança que a criança e o adolescente precisam ter para quebrar o silêncio e pedir ajuda. Silêncio esse que muitas vezes são alimentados por motivos de ameaças ou até mesmo agressões. A quebra do sigilo aponta para a família o rompimento de uma dinâmica familiar, que quando intrafamiliar, o silêncio pode ser ainda mais recriado devido a confusão de sentimentos e dúvidas dos adultos em derredor.

Em pesquisas quantitativas, a cultura do silêncio mostra-se bastante evidente quando a vítima é criança e adolescente, pois muitas famílias optam por continuarem suas vidas, afastando tal conflito da consciência com o passar do tempo sem prestar queixa às autoridades legais.

Em contraponto, observamos também que a violência sexual pode abalar a estrutura familiar, causando-lhes culpa, superproteção ou até mesmo vergonha e desprezo. O fato de muitos adolescentes estarem submetidos ao desejo do outro, demarca um assujeitamento dos jovens ao contato sexual, muitas vezes com requintes de crueldade. Nessas circunstâncias, os adolescentes acabam sendo tratados e vistos como coisa, como utensílio e como tal; são então desrespeitados, humilhados, ficando envergonhados do modo desumanizado com o qual são tratados. Uma das consequências é entender a relação sexual como algo cruel e destrutivo.

Nota-se que para a maioria dos adolescentes após terem sido vítimas de violência sexual, o corpo é percebido como sujo, impuro, nojento como se não fizesse

parte de si mesmos. Assim, para algumas o processo de identificação é muito doloroso.

Neste sentido, consideramos que esta baixa autoestima entre adolescentes está associada à representação que este sujeito estabelece com o seu corpo em um período do ciclo vital no qual irá precisar passar por um processo de ressignificação.

Embora não se possa afirmar que, adolescentes vítimas de violência sexual tenham mais baixa autoestima, se comparados aos não-vítimas, fica aqui evidente que tal violência interfere diretamente na construção da autoestima do adolescente, por sofrer as consequências das mudanças, ocasionando em sentimentos de medo, de culpa, vergonha e ódio que contribuem para a construção da imagem de si mesmo e do corpo como negativas. Ressalta-se o quanto a violência sexual deixa marcas corporais e psíquicas, ou seja, os efeitos da violência não se dão somente no corpo, mas também no psiquismo no que diz respeito a uma fragilidade egóica que interfere na formação identitária desse sujeito em processo de transformação.

Florentino (2015) menciona sobre uma possível divisão de tais consequências em curto e longo prazo, onde os possíveis efeitos do abuso sexual a curto prazo na infância e adolescência seriam problemas de ajustamento sexual, masturbação excessiva, gravidez, promiscuidade, abuso sexual de crianças menores, pavor em relação a contato com adultos, busca crescente de afeição por parte dos adultos, sentimentos de rejeição, relações dependentes e hostis com mulheres/homens mais velhos, choque decorrente da reação dos pais à descoberta do abuso, medo do agressor e de pessoas do sexo do agressor, distúrbios do sono, da aprendizagem e da alimentação, sentimento de rejeição, medo etc.

Os possíveis efeitos a longo prazo são: homossexualidade, aversão a atividades sexuais, relações sexuais insatisfatórias, distúrbios sexuais, incluindo frigidez, participação em relações incestuosas, abuso sexual de crianças, conflito ou medo do parceiro sexual/marido, conflito com pais ou padrastos, isolamento social, dificuldade no estabelecimento de relações humanas de caráter íntimo, disfunções menstruais e sexuais, baixa auto-estima, depressão, neurose, identidade não integrada, distúrbios de caráter, psicose/esquizofrenia, abuso de álcool e outras drogas lícitas e ilícitas raiva, culpa, pensamentos e ideias suicidas, medo intenso e específico ou generalizado e etc.

Por fim, os pesquisadores relatam que todo ser humano é munido de sexualidade e que a repressão ou negação da mesma, pode influenciar em

comprometimentos das escolhas do sujeito ao curso de toda sua vida, inclusive também na vida de outras pessoas, como por exemplo a atrocidade analisada no presente estudo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo de construção de uma nova identidade, com base nos pesquisadores, podemos considerar que o adolescente investe mais energia no mundo externo para abandonar seus referenciais antigos e construir suas próprias ideias com base em suas experiências; liberdade essa que torna o adolescente ainda mais frágil e vulnerável para sofrer o abuso sexual.

A violência sexual é complexa, multideterminada e igualitária, visto que todos são vulneráveis, independentemente de sexo, classe social ou local em que vive. Este e outros aspectos nos levaram a buscar por uma compreensão das consequências ocasionadas por este tipo de violência e os efeitos causados na saúde integral do indivíduo que a sofreu.

Os achados no presente estudo nos permite presumir que as consequências do abuso sexual podem ser muito distintas e manifestas em qualquer idade de vida, tendo em mente as condições predeterminadas de cada indivíduo, incluindo a idade, momento em que houve o ocorrido, frequência e grau da violência. Apesar disso, quando sofrido na infância e adolescência pode vir a causar graves complicações para o desenvolvimento da identidade, personalidade e saúde psíquica, que prejudica a evolução psicológica, emocional, comportamental e social.

Essas consequências inevitavelmente trazem o sofrimento psíquico e além de poder afetar o sujeito desde o início da sua vida, poderá na mesma medida ser oriundo dela na vida adulta. Para a psicanálise, então, a infância sempre teve uma importância própria para a constituição do sujeito, necessitando de um olhar mais atencioso em função dos acontecimentos psíquicos próprios da fase.

Constatamos então que o comprometimento psíquico para crianças e adolescentes que sofreram o abuso sexual são severos e profundos, pois envolvem a quebra universal de valores que facilitam a constituição do aparelho psíquico de forma disruptiva, afetando a maneira em como o menor lida com suas emoções e pulsionalidades para enfrentar a realidade de maneira mais adequada possível.

Ao rompimento da elaboração do psiquismo devido à vivência do abuso, o indivíduo perde a espontaneidade e naturalidade de sua sexualidade podendo afetar em identificações patológicas, que oportuniza um ciclo compulsivo, implicando em surgimento de transtornos e condutas inadequadas culturalmente frente às práticas

sexuais, como por exemplo a iniciação sexual precoce, quantidade de parceiros ou até mesmo a vítima se tornar um abusador sexual.

Há também os problemas educacionais, que são: dificuldade de aprendizagem, retardo mental, e outros sintomas psicológicos, como a culpa ou vergonha, perda da auto-estima, atitude pessimista ou desumana, comportamento impulsivo, autodestrutivo, sintomas de nervosismo - tais como roer as unhas, entre outros.

Estudos demonstram os sérios prejuízos sobre a saúde física e mental causados pela violência sexual praticada contra adolescentes. Do ponto de vista emocional, as consequências têm impacto diferente para adolescentes do sexo feminino e do masculino, em razão de que o significado da violência é percebido de forma diferenciada.

Entre os meninos observa-se associação direta com a homossexualidade ou por questões culturais em relação aos papéis de masculinidade e virilidade presentes na sociedade patriarcal. Por este motivo autores referem-se a eles como as “vítimas negligenciadas”, visto que os serviços de apoio à vítimas sexuais são mais exclusivos para o público feminino. Já entre as meninas as reações estão na ordem da vulgaridade, culpa, autodesvalorização e depressão.

Em ambos os sexos, a questão da autoestima está associada a cultura do indivíduo e os fazem refletir que ser vítima de violência sexual os dirige a questionamentos de valores sociais. Por ser um impacto que causa muita dor, sofrimento e indagações pela própria vítima, muitos casos apontados nos estudos informam que tais vivências podem levar o indivíduo a perder até mesmo o sentido de vida.

Os efeitos do abuso na adolescência podem se manifestar por meio de diversos modos em qualquer fase da vida, mas quando olhamos para os adultos que sofreram abuso na infância e adolescência, nos faz analisar que os mesmos estão por toda parte, sofrendo ou fazendo sofrer outras pessoas.

Estes resultados nos levaram a considerar que a violência sexual infantil é analisada como um fenômeno historicamente complexo desde os tempos primórdios até a contemporaneidade. Apesar disso, pouco se avançou no sentido de prevenir e amenizar suas consequências devido ao fator de que a vivencia desse trauma são comuns nos ambientes familiares cronicamente estressantes, caóticos, abusivas e negligentes.

Em casos intrafamiliares, estudos revelam que o incesto é uma das práticas mais comuns de violência sexual para com o público infantil, devido a ambos envolvidos no ato estarem em um ambiente facilitador para que ocorra esse tipo de abuso. Ambiente este, torna-se extremamente complicado tanto para a criança, quanto para a família devido ao processo de descoberta, reconhecimento e denúncia (quando ocorre). Quando a cultura do silêncio é cultivada, acaba sendo mantida de maneira cruel passando por gerações.

Com base nessas considerações, não há como prever ou generalizar os sintomas sofridos durante e após esse evento traumático, visto que cada ser é individual e único. Entretanto, seu contexto pode o tornar superador - olhar com cautela para o sofrimento e partir para busca da elaboração do trauma - ou agravador na falta de suporte oferecido através das redes de apoio e órgãos públicos.

Sendo assim, cada criança e adolescentes que sofreram o abuso sexual possuem o potencial de desenvolver os traumas mencionados anteriormente em qualquer fase da vida, mas certamente em decorrer dessas consequências, o indivíduo ficará marcado por conta desse trauma por toda a vida, podendo ser afetado por eles ou não.

Estes resultados nos levam a deduzir sobre a importância das estratégias de enfrentamento para alavancar a educação sexual no ambiente familiar, profissional de saúde, escolas e grades curriculares desde em ensinamentos fundamentais às superiores, com o objetivo de expandir a importância da proteção da sexualidade infantil para todos os públicos, pois com a psicoeducação para auxiliar na identificação do abuso em conjunto com as políticas públicas que garantem a proteção da vítima, os casos podem vir a serem mais denunciados e possivelmente reduzidos, consequentemente garantindo a saúde integral, universal e igualitária em todas as fases da vida. Portanto, precisamos falar sobre abuso.



## 7. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (1989). Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: IGLU.

BARBOSA, C.; SILVA, A. Pedofilia e a igreja: o outro lado da história. Centro Universitário UNIFACVEST. [S.I.]

BRASIL, Marco legal: saúde, um direito de adolescentes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990.

BRASIL, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

CARVALHO, L. S. A violência sexual na adolescência: significados e articulações. 2012. 204 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

FREUD, S. Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica, 1932. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22)

FREUD, S. O mal-estar na civilização, 1930 [1929]. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Neurose, Psicose, Perversão: Editora Autêntica, Belo Horizonte: Maria Rita Salzano Moraes, 2016.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

LEITE, S. M. L. Entre o dito e o não dito : o hiato entre a psicanálise e o direito em relação ao abuso sexual infantil . 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin (Colab.). Desenvolvimento Humano. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

VAGLIATI, A. C. Gritos do silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar. 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2014.

WINNICOTT, D. W. (1945). Desenvolvimento Emocional Primitivo. Em: WINNICOTT, Donald. W. (1993). Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 4 ed.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: Agosto, 2021.

CAPITAO, C.; ROMARO, R. A. Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes. Psicol. Am. Lat., México, n. 13, jul. 2008. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em Julho, 2021.

CHAGAS, L. F.; MORETTO, M. L. T. A violência sexual e a repetição: a importância da função do segredo para a clínica psicanalítica e o tratamento na instituição de saúde. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 54-72, dez. 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582013000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em Junho, 2021.

COSTA, R. A. N. A evolução da perspectiva psicodinâmica no abuso sexual de crianças: da psicanálise da teoria da sedução à psicanálise do Complexo de Édipo (2007). Disponível em: [www.Psicologia.com.pt](http://www.Psicologia.com.pt) Acesso: Julho, 2021.

COUTO, D. P. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. Psicol. pesq., Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso). acesso em Junho, 2021.

Estatuto da Criança e do Adolescente; Lei nº 8.069/90. acesso em Maio, 2021; disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%20%C2%BA%20Considera%2Dse%20crian%C3%A7a,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%20%C2%BA%20Considera%2Dse%20crian%C3%A7a,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico)

FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. Fractal : Revista de Psicologia [online]. 2015, v. 27, n. 2, pp. 139-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805> Acesso Agosto, 2021.

HARMANN, E.; SAVITSKAIA, A. Mídia e adolescência: Um olhar psicanalítico pelos caminhos da geração I (Internet). 2011, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/M%C3%ADdia-e-Adolesc%C3%A2ncia-um-olhar-psicanal%C3%ADtico-pelos-caminhos-da.pdf>

Acesso em: Junho, 2021.

LIMA, I. V. B.; DIOLINA, J. Consequências Psicológicas do abuso Sexual na Infância e Adolescência: Uma Ferida Invisível. Disponível em: <http://www.site.ajes.edu.br/direito/arquivos/20131030201243.pdf>. Acesso em Junho, 2017.

MALGARIM, B. G.; BENETTI, S. P. C. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto. Aletheia, Canoas, n. 33, p. 123-137, dez. 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso). Acesso Junho, 2021.

MATIAS, D. P. Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas. Psicologia em Estudo [online]. 2006, v. 11, n. 2 [Acessado 12 Outubro 2021] , pp. 295-304. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200008>. Acesso Junho, 2021.

Organização Mundial da Saúde. (2007). Marco Legal, Saúde, um Direito de Adolescentes. Brasília Distrito Federal; 1º edição. Disponível em [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf). Acesso Junho 2021.

KRUG, E.G.; DAHLBERG, L.L.; MERCY, J.A; ZWI, A.B.; LOZANO, R. World report on violence and health. Genebra: OMS, 2002. Acesso Julho, 2021.

SILVA JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer? Fractal: Revista de Psicologia [online]. 2010, v. 22, n. 2 [Acessado 12 Outubro 2021] , pp. 323-336. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>. Epub 14 Fev 2011. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922010000800008>.

SILVA, R. A.; TEIXEIRA, L. C. Adolescência e o traumático: sobre abuso sexual e as vicissitudes do sujeito. Rev. Subj., Fortaleza , v. 17, n. 3, p. 92-103, dez. 2017 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692017000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000300009&lng=pt&nrm=iso). acessos em 12 Outubro, 2021. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i3.6955>.

SOUZA, C. C. C.; SEI, M. B.. Abuso sexual de crianças e adolescentes: trauma e transmissão psíquica. *Analytica*, São João del Rei , v. 8, n. 15, p. 1-20, dez. 2019 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972019000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000200007&lng=pt&nrm=iso). acessos em Setembro, 2021.